

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

JAYNE LUISA ENGEROFF

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ESTAGIÁRIOS-ESTUDANTES NO ESTÁGIO
DE DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA UFRGS
EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre

2014

Jayne Luisa Engeroff

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ESTAGIÁRIOS-ESTUDANTES NO ESTÁGIO
DE DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA UFRGS
EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE PORTO ALEGRE/RS**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para aprovação no Curso de Graduação em Educação Física.

/

ORIENTADOR

Prof. Elisandro Schultz Wittizorecki

Jayne Luisa Engeroff

**A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ESTAGIÁRIOS-ESTUDANTES NO ESTÁGIO
DE DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL DA UFRGS
EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE PORTO ALEGRE/RS**

Conceito final:

Aprovado em de de

BANCA EXAMINADORA

Avaliadora - Prof^a. Dr^a. Lisandra Oliveira e Silva - UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador Elisandro Schultz Wittizorecki, que me acolheu neste semestre, que acreditou na minha capacidade de realizar este estudo e sempre se mostrou disposto a me ajudar. Agradeço ao meu orientador pelo apoio, pelas palavras de incentivo e pelas conversas que me tranquilizavam e me davam forças para não desistir.

Gostaria de agradecer principalmente à minha mãe Renita e minha avó Maria Lory, por me ajudarem nos momentos mais difíceis, não me deixando cair, acreditando no meu potencial. Agradeço pela compreensão e paciência nos momentos que eu mais precisei, sem vocês eu não teria chegado até aqui.

Agradeço ao meu pai Ademir, que sempre me incentivou nos estudos. A escolha por cursar Educação Física foi devido à iniciativa dele, pelas vivências que ele me proporcionou durante a infância e adolescência.

Agradeço as minhas amigas Jéssica Frasson e Natacha Tavares pela grande ajuda ao longo da realização deste estudo, participando efetivamente desta construção, esclarecendo dúvidas, me questionando e sugerindo leituras. Obrigada pela motivação e apoio constantes e pela paciência nos meus momentos de crises.

Gostaria de agradecer aos colaboradores do estudo que se prontificaram a participar e se mostraram sempre entusiasmados e dispostos.

Agradeço aos meus amigos que foram pacientes e compreensíveis enquanto realizava este estudo, entendendo a importância dele e a minha responsabilidade.

Agradeço também aos meus colegas que me auxiliaram de alguma forma neste período. Agradeço também aos meus colegas do início da graduação que me acolheram e me ajudaram a conhecer a cidade, Caroline, Bruna, Renan, Priscila e Daniel, sempre terão um lugar especial na memória.

Agradeço em especial àquelas colegas que foram conquistando um espaço importante na minha vida tornando-se minhas amigas. A presença de vocês nos momentos mais difíceis deste último ano, me apoiando e confortando, foi essencial

para que eu não desistisse. Natacha, Valéria, Jordana e Vanessa, vocês sempre serão lembradas pela importância que tiveram nessa minha trajetória.

Agradeço também a todos os professores que foram significativos durante essa trajetória da minha formação, que me auxiliaram na construção do conhecimento.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender como são construídas as relações dos estagiários e estudantes durante o Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental da ESEF-UFRGS em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul localizada em Porto Alegre. Apesar do período curto em que se desenvolve o estágio (duração aproximadamente de três meses), é necessário compreender como se desenvolvem as relações entre os estagiários e estudantes tendo em vistas que elas contribuem com o processo de ensino-aprendizagem. São nos momentos de estágios que os estagiários precisam estabelecer diversas relações para que construam aprendizagens significativas ou não, para sua futura atuação docente. Trata-se de um estudo descritivo e de natureza qualitativa, realizado através de observações e entrevistas semiestruturadas com três estagiários. A partir da análise das informações pude entender que devido à singularidade de cada sujeito, os três estagiários constroem práticas e estratégias distintas ao realizar seu estágio, para a construção do vínculo com suas turmas. Um deles construiu uma relação através do diálogo e da aproximação, mas com bastante cobrança das combinações feitas com a turma. Outro colaborador adotou uma postura mais autoritária, pois ao se deparar com situações de conflitos e resistência, por parte dos estudantes, restringiu o diálogo com a turma na tentativa de manter o controle. O terceiro colaborador buscou uma aproximação física e afetiva com a turma, o que tem lhe implicado um sentimento ambíguo, quando precisa agir de forma mais rígida.

Palavras-chave: Relações escolares. Estágio de docência. Formação de professores. Educação Física.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo las relaciones se construyen los aprendices y estudiantes durante el estagio de la Enseñanza en la Educación Física en Educación Primaria de esef-UFRGS en una escuela estado de enseñanza de Río Grande do Sul en Porto Alegre. A pesar del corto período en que se desarrolla la etapa (teniendo duración alrededor de três meses, es necesario entender la forma de desarrollar las relaciones entre pasantes y los estudiantes que toman puntos de vista que contribuyan al proceso de enseñanza y aprendizaje. Son los momentos de las etapas que los aprendices necesitan para establecer varias relaciones que construyen el aprendizaje significativo o no, para su futura práctica docente. Es un estudio descriptivo y cualitativo, realizado a través de observaciones y entrevistas semi-estructuradas con tres aprendices. Del análisis de la información que encontré que, debido a la singularidad de cada sujeto, tres aprendices construir prácticas y diferentes estrategias para realizar su pasantía, para construir el vínculo con sus clases. Uno de ellos construyeron una relación a través del diálogo y el enfoque, pero con bastante la colección de partidos realizados con la clase. Otro contribuyente ha adoptado una postura más autoritaria, porque cuando se enfrentan a situaciones de conflicto y resistencia por parte de los estudiantes, restringido el diálogo con la clase en un intento de mantener el control. El tercer desarrollador buscó una aproximación física y afectiva a la clase, lo que le ha implicado un sentimiento ambiguo, cuando se necesita actuar de forma más rígida.

Palabras-clave: relaciones escolares. Etapa de la enseñanza. La formación del profesorado. Educación física.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Educação Física Escolar	13
2.2 Estágio de Educação Física.....	15
2.3 Relações Professor/Estagiário-Estudantes	16
3 DECISÕES METODOLÓGICAS	21
3.1 Natureza da Pesquisa.....	21
3.2 Participantes do Estudo.....	21
3.3 Processo de Coleta das Informações.....	22
3.4 Validez Interpretativa e Cuidados Éticos	23
3.5 Processo de Análise das Informações	23
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES	25
4.1 As Ações Didático- Metodológicas Utilizadas pelo Estagiário para Construir o Processo de Ensino-aprendizagem nas Aulas de Educação Física.....	25
4.2 As relações Construídas entre os Estagiários e Estudantes.....	37
4.3 A Comunicação Estabelecida entre os Estagiários e Estudantes Durante as Aulas de Educação Física	47
5 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS.....	51
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICE A.....	58
APÊNDICE B.....	59

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo compreender como são construídas as relações dos estagiários e estudantes durante o Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul (RS) localizada em Porto Alegre. O interesse por esse assunto surgiu ao longo deste mesmo estágio no semestre de 2014-1, especialmente durante o processo de escrita do meu trabalho final do estágio, mas também é algo que me chama a atenção muito antes: quais e como se estabelecem os vínculos entre as crianças e o professor de Educação Física?

Para facilitar o entendimento dos conceitos utilizados ao longo do trabalho e minimizar dúvidas, quando me refiro aos estagiários, estes são os acadêmicos de Educação Física matriculados no Estágio de Educação Física no Ensino Fundamental, quando me refiro aos estudantes, estes são as crianças e adolescentes que estudam na escola estadual onde acontece o Estágio de Educação Física, e que tem como docentes os estagiários.

As relações de afeto, carinho, amizade que se dão entre os estagiários e estudantes, apesar do período curto¹ que é o do estágio, é um tema que me atrai há anos. Vivenciei relações assim do meu pai (professor de Educação Física em escolas públicas, municipais e estaduais) com os estudantes, onde, para os mais novos representava o herói, o pai presente, o amigo; para os mais velhos, um amigo, companheiro, que podia contar os segredos das baladas e dos namoros.

Parece-me que os professores de Educação Física conseguem se envolver mais com os estudantes, possivelmente pela maior proximidade física, por brincarem/interagirem com eles, por entender os movimentos corporais das crianças e que estes expressam muitas vezes seus sentimentos, despertando o interesse do professor em saber de suas dificuldades/problemas, criando assim, laços que os tornam mais que professor e estudante, talvez, colega/amigo. Estes docentes, muitas vezes, são escolhidos para professores conselheiros², para organizar os

¹ Os estágios de Educação Física da UFRGS são supervisionados por professores que estipulam o seu cronograma e o tempo efetivo de docência dos estagiários. Deste modo, este estágio específico, tem sua duração média de três a quatro meses de docência.

² Em algumas instituições de ensino acontecem eleições para escolher um professor tutor de cada turma, que seria como um orientador da turma, aconselhando-os nas tomadas de decisões e na organização dos eventos.

eventos da turma e da escola, para serem paraninfos, muito provavelmente, devido a essas relações entre eles. Estas relações mais intensas entre professores e estudantes podem gerar algumas implicações, como o envolvimento demasiado com a família dos estudantes e seus desafios, em que o professorado pode angustiar-se ao tentar resolvê-los e frustrar-se quando não conseguem.

Durante o meu trabalho em um clube situado na zona sul da cidade de Porto Alegre, quando atuei na colônia de férias, com crianças de 5 a 12 anos (a maioria de classe social média e alta) tive contato com a maioria delas, pois, algumas permaneceram o verão todo conosco, e acabamos criando condições para conhecer melhor as crianças e entender as suas expressões, corporais e faciais. Havia momentos que era perceptível através de atitudes e expressões que elas não estavam bem, passando um semblante de tristeza, momentos que chegavam e nos abraçavam, choravam, relatavam seus problemas. Há inúmeros possíveis motivos para esse pedido de afeto, carinho e atenção das crianças para estranhos como eu naquele momento. Talvez por falta de tempo dos pais que trabalham muito, ou pelo fato de quererem conversar com alguém.

Já o contexto econômico e social da escola onde eu realizei Estágio de Educação Física no Ensino Fundamental é diferente desse clube, devido a sua realização em uma escola de periferia, com certa proximidade do Presídio Central de Porto Alegre. Entretanto, identifiquei a mesma necessidade de atenção e carinho que também foi notável em muitas crianças. Um dos fatos que me marcaram durante o Estágio no Ensino Fundamental e que aumentaram mais o meu interesse pelo assunto foi no primeiro dia de observação, quando uma menina chegou ao meu lado, e apesar de só saber o meu nome e que seria sua professora de Educação Física, ela me abraçou, permanecendo ali sem falar nada. Fiquei no momento sem reação, retribuindo o carinho, e a partir daí só aumentou minha curiosidade sobre as relações entre estagiários e estudantes.

Nos primeiros dias na escola, foi possível observar a entrada dos estudantes pelo portão de acesso à escola, e a figura marcante da diretora recepcionando os estudantes e familiares. Ela os tratava sempre com educação, solicitando que entrassem com cuidado, sem tumulto, que fossem pacientes e calmos. Mostrava-se preocupada com eles, e desejava bom dia a todos com disposição. Essa recepção da diretora também se dá na tentativa de garantir a segurança dos estudantes.

Desde a entrada na escola, já se estabelecem relações com os estudantes, com os pais dos estudantes, entre docentes e direção.

Em 2014, os estágios de Educação Física da UFRGS no Ensino Fundamental foram ofertados em três escolas da Rede de Ensino Estadual de Porto Alegre, normalmente, onde já havia vínculo dessas instituições com a universidade. Na súmula da disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física no Ensino Fundamental, consta que o estágio tem como objetivo geral compreender o processo de ensino da Educação Física escolar, sabendo relacioná-lo à proposta pedagógica da escola, aos demais saberes curriculares e ao contexto sociocultural no qual a escola está inserida. Segundo Pelozo (2007) o estágio de docência em Educação Física oportuniza para o futuro docente noções básicas do que é ser professor nos dias atuais, conhecendo a realidade onde estão inseridos os estudantes. É nesta etapa que aprendemos a ensinar, planejar, refletir sobre as ações antes, durante e após, tendo a oportunidade de aplicar o que aprendemos durante o curso.

São nos momentos durante os estágios, que os docentes devem perceber a necessidade de entenderem o contexto onde estão, e de construir vínculos importantes com os estudantes, demais professores e direção, enfim, estabelecer diversas relações para produzir aprendizagens significativas, aspectos estes, importantes no momento do estágio, tendo em vista que futuramente como docente lhes serão necessárias essas competências. É um importante papel do professor a formação do estudante, cabendo-lhe a responsabilidade de identificar problemas no processo de aprendizagem facilitando o aprender, de definir as estratégias e metodologias de ensino que auxiliem nessa aprendizagem; de ter capacidade de relacionamento humano; ter percepção para sentir os problemas dos estudantes.

Da mesma forma Machado (1995, *apud*, Galvão 2002) coloca que o professor pode deixar marcas de grande significado nos estudantes em formação. Ele precisa ter conhecimentos suficientes para trabalhar além dos aspectos físicos e motores, também os componentes sociais, culturais e psicológicos. Portanto, além de ensinar os conhecimentos específicos, é também papel do professor transmitir, de forma consciente ou não, valores, normas, maneiras de pensar e padrões de comportamento para se viver em sociedade. Pode-se dizer que para transmitir todos esses aspectos não se pode descartar a interação professor-estudante (CUNHA, 1996). Assim, vai ao encontro com o que Masetto (1996) sugere que o sucesso, ou

não, da aprendizagem está fundamentado essencialmente na forte relação existente entre os estudantes e professores, estudantes e estudantes, e professores e professores.

Além das características de personalidade do professor, é o seu modo de agir em sala de aula, que colabora para uma adequada aprendizagem dos estudantes. Tassoni (2000), em seu estudo, aponta que a proximidade física do professor de Educação Física com o estudante transmite segurança e tranquilidade ao estudante durante as atividades. No mesmo estudo, os próprios estudantes destacaram essa proximidade como forma de ajuda, amenizando a ansiedade, transmitindo confiança, além de se sentirem valorizados por receberem atenção, incentivo e motivação do professor. Tal interação encoraja o estudante a investir no processo de construção do conhecimento/aprendizagem.

A partir do seguinte problema de pesquisa: “Como se constrói as relações estagiários-estudantes durante o Estágio de Docência em Educação Física em uma escola da Rede Estadual de Educação?” retomo que o objetivo deste estudo foi **compreender como se constrói as relações estagiários-estudantes durante o Estágio de Docência em Educação Física em uma escola de Ensino Fundamental da Rede Estadual de Educação situada na cidade de Porto Alegre/RS**. Assim os objetivos específicos estabelecidos foram: i) identificar as ações didático-metodológicas utilizadas pelo estagiário para construir o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física; ii) analisar como são construídos as relações dos estagiários e estudantes; iii) analisar a comunicação estabelecida entre estagiários e estudantes .

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Física Escolar

Em um primeiro momento, no seu surgimento no Brasil, a Educação Física tinha como função colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis (BRACHT, 1999). A Educação Física, assim, deveria promover a formatação de um corpo para produzir, que se submetesse “à lógica do trabalho sem questioná-la”, portanto, como destaca Castellani Filho (2002), um corpo “obediente e disciplinado nos padrões hierárquicos da instituição militar” (p. 6). A grande preocupação da Educação Física naquele momento era a aptidão física e a manutenção da capacitação física.

A partir da metade do século XX, como ressalta González e Fensterseifer (2009), a Educação Física estabeleceu uma relação simbiótica com o esporte, esse fenômeno em sua forma institucionalizada, acabou sendo praticamente hegemônico nas aulas de Educação Física. Este processo ficou conhecido como esportivização da Educação Física escolar.

Por volta dos anos 1980 do século XX, estudiosos inquietos com tal situação da Educação Física, começaram a questionar as intenções desta, e procuraram justificativas e intencionalidades, surgindo diversas novas concepções. Sendo que a principal mudança que deveria acontecer para transformar a Educação Física seria “elevá-la” à condição de disciplina escolar, tirando-a da categoria de mera atividade (BRACHT; GONZÁLEZ, 2005). A Educação Física neste momento passa a ter uma intencionalidade, não sendo mais somente a prática pela prática.

A Educação Física, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) em seu Artigo 26, parágrafo 3º, consta como componente curricular obrigatório da Educação Básica, integrada à proposta pedagógica da escola. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Física é entendida:

Como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o estudante na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (BRASIL, 1997, p.29).

Tem se procurado, nos últimos anos, na área da Educação Física, criar estratégias e apresentar novas formas reflexivas do entendimento e aplicação da Educação Física na escola, pois, infelizmente, ela ainda é muitas vezes entendida como atividade dentro do processo educacional, sendo uma prática sem interesse para a formação integral dos educandos (OLIVEIRA, 1997).

Há diversos autores que refletem sobre o que é a Educação Física, Oliveira (1983) questiona se a Educação Física é esporte, ginástica, medicina, cultura, jogo, política ou ciência, e chega à conclusão que: “Educação Física é Educação, na medida em que reconhece o homem como o arquiteto de si mesmo e da construção de uma sociedade melhor e mais humana” (p.106). Já Soares (1996) ressalta que a Educação Física “é uma matéria de ensino e sua presença traz uma adorável, uma benéfica e restauradora desordem naquela instituição” (p.7), e ainda afirma que ela na escola é um espaço de aprendizagem e, assim, merece ser valorizada como componente curricular.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Física escolar deve oportunizar aos estudantes o desenvolvimento de “suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos”, sendo sua tarefa “garantir o acesso dos estudantes às práticas da cultura corporal, [...] e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente” (BRASIL, 1997, p. 29-30).

A Educação Física tem evoluído com os anos, de uma mera disciplina que tem como prioridade a aptidão física, promoção da saúde, e construção de corpos saudios e prontos para produzir, e da esportivização e formação de atletas, para uma matéria de ensino, que visa introduzir e integrar o estudante na cultura corporal de movimento, formando cidadãos críticos, e dando-lhes oportunidades de acessar às diversas práticas da cultural corporal que existem.

Assim, entendendo um pouco mais sobre a Educação Física escolar, compreendendo-a como parte do componente curricular obrigatório das escolas, e justificando a sua permanência como tal, através da sua importância e intencionalidade, o próximo capítulo venho discutir o estágio de docência, momento em que os estudantes do curso de licenciatura se encontram de frente com a realidade escolar, e materializam os conhecimentos construídos ao longo do curso.

2.2 Estágio de Educação Física

Entendo que o estágio é uma via fundamental na formação do professor, pois este possibilita a relação teoria-prática, conhecimentos do campo de trabalho, conhecimentos pedagógicos, administrativos, além de conhecimentos da organização do ambiente escolar. Borssoi (2008), indica como objetivo central do estágio a aproximação à realidade escolar, proporcionando ao estagiário perceber os desafios que a carreira lhe oferecerá, refletindo sobre a profissão que exercerá, integrando- o saber fazer- obtendo (in)formações e trocas de experiências.

Para Pimenta e Lima (2004), citado por Souza, Bonela e Paula (2007):

O estágio é o eixo central na formação de professores, pois é através dele que o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a formação da construção da identidade e dos saberes do dia-a-dia (p. 2).

Portanto, durante o estágio, o estagiário pode construir e reconstruir sua prática docente, conforme as necessidades presentes durante o processo de ensino-aprendizagem. É nessa etapa que o estagiário tem possibilidades de repensar e reconstruir a sua identidade docente.

Conforme a lei federal nº 11788/2008 (BRASIL, 2008), que dispõe sobre o estágio de estudantes, o “[...] estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior [...]” (art 1º).

Azolini (2012) coloca que é a partir do estágio que se torna possível o envolvimento do estagiário com a realidade escolar e seu contexto e que o estágio curricular supervisionado corrobora com a formação docente, potencializando-a através da prática do estágio, podendo o estudante da graduação, articular a teoria aprendida com a prática cotidiana. Porém, o estágio também pode ser marcado por momentos em que o estagiário possa realizar reflexões sobre suas ações e o ambiente de trabalho, investigando o que acontece naquele local, levantando aspectos positivos e negativos da realidade que encontrou.

Neste sentido, o estágio é um período formativo e de grande importância na graduação, que possibilita ao estudante vivenciar experiências, conhecer melhor sua

área de atuação, colocar em prática o conhecimento adquirido durante o curso, segundo Nascimento, Ramos e Aroreia (2011):

[...] estabelecendo a interlocução entre a formação acadêmica e o mundo profissional por meio de uma (re) aproximação contínua da academia científica com a realidade social (p. 03).

A vivência escolar dos acadêmicos durante o estágio, através da observação, análise, crítica e intervenção, passa então a ser um momento de confronto direto da teoria com a prática, de compreensão do espaço escola, de preparação para os desafios e dificuldades que existem no contexto escolar. O ambiente escolar proporciona ao estagiário “uma pluralidade de interações e percepções junto aos estudantes que reflexivamente são necessários para o desfecho do processo educativo” (MARQUES; ILHA e KRUG, 2008, p. 8).

Durante o estágio é possível compreender as formas como nos comunicamos e procurar entender as relações que se constroem neste espaço de socialização, os comportamentos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, construindo e reconstruindo nossos estilos de comunicação e interação com os estudantes. Esse tipo de interação e conhecimento, de acordo com Marcelo Garcia (1999), não se adquire senão em contato com os estudantes e as escolas reais, sendo assim, o estágio constitui-se como oportunidade mais adequada para essa articulação.

Assim, o estágio se destaca como momento crucial na graduação, ele permitirá que o acadêmico selecione e adapte os conhecimentos construídos no decorrer do curso, reafirme sua escolha profissional, reveja sua prática, construa conhecimentos, entre em contato com a realidade da sociedade a qual ele se deparará ao ingressar no mercado de trabalho, além de conhecer o funcionamento da escola e a realidade escolar, as relações de poder que ali acontecem.

2.3 Relações Professor/Estagiário-Estudantes

Através da literatura, entendo que as relações entre estagiários e estudantes produzem efeitos importantes no processo de escolarização. Nas lembranças pessoais de quem frequentou uma sala de aula se encontram cenas e frases que envolvem essa relação estagiário-estudante e que produziram efeitos diferentes em cada sujeito. A constituição do sujeito se dá a partir das relações sociais que o

sujeito estabelece na escola e na sociedade que participa. Deste modo, segundo Bakhtin (1999, *apud* PIATTI; BASMAGE; URT, 2010) o homem é um ser social e histórico que, na relação dele com os outros, em uma atividade prática comum intermediada pela linguagem, se constitui e se desenvolve enquanto sujeito. Por isso, o professor não deve preocupar-se somente com conhecimento adquirido apenas por meio da absorção de informações, mas também pelo processo de construção da cidadania (SILVA; NAVARRO, 2012). Assim a escola se apresenta como uma das possibilidades de experiência social da criança, fora do seu ambiente familiar, estabelecendo relações humanas e procurando consolidar suas atividades no ambiente diferente do habitual. Não somente a sala de aula pode ser pensada como um campo de relações humanas, mas a própria escola, como instituição, também, pois ali se expressam relações hierárquicas e não-hierárquicas, políticas, sociais, trabalhistas, etc.

Para Silva e Navarro (2012), a relação professor-estudante é uma forma de interação que dá sentido ao processo educativo, uma vez que é no coletivo que os sujeitos constroem conhecimentos. Na escola, se configura momentos de socialização, diálogos, troca de vivências e experiências, tanto com professor-professor, como professor-estudante.

Segundo Hillal (1985), as relações professor-estudante aparecem como ponto chave no processo ensino-aprendizagem, esse contato estabelece vínculo entre o contexto escolar, os professores e a realidade do mundo vivenciada pelos estudantes. Morales (1998, *apud* SILVA; NAVARRO, 2012) afirma que a relação professor-estudante na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos; não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Sendo assim, as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, onde as ações de um desencadeiam ou promovem as do outro.

Durante essas relações que se podem experimentar dimensões afetivas importantes, construir amizades e inimizades, afinidades e repulsas, exercitar formas de liderança, de autoridade e de reação contra essas mesmas lideranças e autoridades (CORDEIRO, 2011). Neste contexto, o professor se torna um mediador participativo nessas relações, através do seu modo de agir em sala de aula, mais do que suas características de personalidade que colabora para uma adequada

aprendizagem dos estudantes (ABREU; MASETTO, 1990). O professor precisa ter o conhecimento do valor da interação dele com o estudante, não se posicionando como dono do saber, mas sim ser capaz de compreender a sala de aula como um espaço de relações sociais e afetivas.

Para a construção da aprendizagem, as interações sociais ganham ampla significância, pois é onde as crianças se deparam com conflitos, negociação de sentimentos, ideias e soluções (SILVA; NAVARRO, 2012). Ou seja, é através das interações que o estudante, enquanto sujeito, constrói o seu conhecimento e neste relacionamento entre professor e estudantes existem trocas de experiências e de conhecimento.

No processo de ensino-aprendizagem, o estudante é o sujeito e o construtor do processo. As aprendizagens precisam ser embasadas em bons relacionamentos entre os sujeitos que participam do processo, sendo eles, o estudante, professor e colegas de turma. Neste contexto ainda há mais elementos como: diálogo, colaboração, participação e respeito mútuo (KULLOK, 2002).

De acordo com Aquino (1996), a relação professor-estudante é muito importante, a ponto de estabelecer posicionamentos pessoais em relação à metodologia, à avaliação e aos conteúdos. Se a relação entre ambos for positiva, a probabilidade de um maior aprendizado aumenta. Se a relação entre ambos for negativa, pode comprometer emocionalmente tanto o professor como o estudante, podendo transferir, de modo inconsciente, tensões ou conflitos relacionados com o meio familiar ou social mais próximo (HILLAL, 1985). O professor quando não deixa os estudantes terem curiosidade sobre o mundo e o que o cerca nem falar o que pensam ou explicitar seus questionamentos, terem dúvidas, permitir que errem, pode produzir efeitos negativos nos mesmos, e tal comportamento do professor, pode fazer com que, futuramente, o estudante desacredite nesse adulto como um educador, como autoridade. (SOUZA; VIÉGAS, 2012). Cada professor possui suas características de personalidade, podendo interferir ou facilitar a relação, e adaptação dos estudantes (HILLAL, 1985).

Vai ao encontro de Belotti e Faria (2010) que ressaltam a força da relação professor-estudante sendo significativa e produtora de sentidos e consequências variadas nos indivíduos. Reconhece-se que as atitudes do professor dependem das atitudes dos estudantes e variam de uma para outra. Cada aula tem seu clima próprio estabelecido pelas particularidades dos estudantes e dos estagiários.

Ao debater as interações sociais, entendo que diálogo é um elemento significativo, pois este relacionado ao professor-estudante se torna peça chave tanto para a mediação do conhecimento quanto para a construção de ambos, não se limitando a uma simples troca de ideias, pois essa proposta não se baseia em comandos e em repetições mecânicas. Ensinar não é somente transferir conhecimentos e conteúdos, mas criar as condições para a construção dos conhecimentos, como argumentava Freire (1996). Esse autor afirma que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p.25), e ainda diz que não há docência sem discência, ensinar inexiste sem aprender e vice-versa, assim ambos se constroem e reconstroem juntos.

As relações interpessoais (se referem ao relacionamento entre duas ou mais pessoas) e intrapessoais (relação do indivíduo com ele mesmo) se desenvolvem de formas diferentes em cada sujeito e são fundamentais na construção de cidadãos capazes de viver e conviver em sociedade, capazes de se comunicar, socializar e interagir. De acordo com o dicionário Michaelis (s/d), relações humanas se referem “ao comportamento do indivíduo em seus contatos de pessoa a pessoa, de pessoa a grupo ou de pessoa a sociedade”. Cunha (2011) definiu as relações interpessoais como “uma pré-disposição subconsciente ou consciente a uma aceitação do outro que transparece no seu modo de se expressar, de ver as coisas, na postura adotada mediante a sociedade e, principalmente, na sua forma de agir” (p. 27).

Segundo Freire (1996, p. 77), “toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um, que ensinando, aprende, outro, que aprendendo ensina”, significando que deve haver a interação entre o ensino e a aprendizagem e que, a educação provém da relação entre professor e estudantes (BELOTTI; FARIA, 2010). Assim, partindo das perspectivas citadas acima, Freire (1996) afirma que uma das tarefas mais importantes na prática docente é propiciar condições para que os estudantes em suas relações uns com os outros e todos com o professor ensaiem a experiência de “assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador” [...] (p. 46).

A partir do referencial proposto retomo os objetivos do estudo que foi **compreender como se constrói as relações estagiários-estudantes durante o Estágio de Docência em Educação Física em uma escola de Ensino Fundamental da Rede Estadual de Educação situada na cidade de Porto Alegre/RS.**

Deste modo, entendo que o contato com os estudantes e as escolas proporciona ao estagiário entender as relações que se constroem neste espaço, e, os comportamentos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. É importante que o estagiário reflita sobre suas ações, interações e percepções junto aos estudantes, compreendendo que eles são necessários para o desenlace do processo educativo e que a sala de aula é um espaço de relações sociais e afetivas, sendo que é no coletivo que se constroem conhecimentos através dos diálogos, trocas de vivências e experiências. Para isso, o estágio se torna importante no momento em que o estagiário ao interagir com o mundo da escola, constrói e reconstrói o seu modo de se comunicar e relacionar com os estudantes.

3 DECISÕES METODOLÓGICAS

3.1 Natureza da pesquisa

O presente estudo é de caráter qualitativo. A abordagem qualitativa não procura enumerar e/ou medir eventos estudados, envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada (GODOY, 1995). Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados ou produto (GODOY, 1995). Este estudo é de abordagem descritiva, que pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Segundo Triviños (1987) estes estudos têm como foco essencial o “desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problema, suas escolas, seus professores, sua educação, sua preparação para o trabalho, seus valores, etc” (p. 110).

A metodologia se justifica, pois possibilitou a aproximação com os sujeitos envolvidos, permitindo conhecer mais de perto as ações destes e os significados que dão a estas, em um esforço interpretativo de produzir conhecimento acerca do problema de pesquisa.

3.2 Participantes do estudo

O trabalho de campo foi realizado em uma escola da Rede Estadual de Ensino de Porto Alegre/RS, localizada no bairro Partenon. Atualmente a escola possui pouco mais de 1000 estudantes, que são distribuídos entre o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Uma das características significativas sobre a sua localização é a forte presença das instituições da Brigada Militar que a cerca, como o Batalhão de Operações Especiais e o Canil desta instituição. A escolha do local se deu devido ao fácil acesso a escola, já que foi nesta escola em que realizei o Estágio de Educação Física no Ensino Fundamental, por conhecer os professores e direção, além da proximidade do local a minha residência, o que facilitaria a frequência e a permanência no trabalho de campo.

Foi feito o contato com os seis estagiários da UFRGS que estavam realizando o estágio supervisionado de Educação Física no Ensino Fundamental nesta escola

no turno da manhã no segundo semestre de 2014. Foi exposto aos estagiários sobre o que se tratava a pesquisa e estes foram convidados a participar. Em outro momento, entrei em contato com todos a fim de saber quem estava interessado em colaborar, e obtive a resposta positiva de cinco estagiários, e entrando em acordo com eles, foram escolhidos para participar do estudo três estagiários, pois contemplavam os três períodos de aula e atendiam o 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. Foi entregue e explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que participassem da pesquisa.

3.3 Processo de coleta das informações

Na pesquisa qualitativa a observação constitui-se em um instrumento valioso, esta tarefa requer a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar fatos e realidades sociais presentes (NEGRINE, 2010).

Para este estudo, utilizei o diário de campo, através da observação, caracterizando-se como um instrumento de registro. Segundo Negrine (2010), para que seja utilizada a observação como instrumento de coleta de informações, é importante que seja “contínua e sistemática com a função de registrar determinados fenômenos ou comportamentos” (p. 68) e que para tal, é necessário que seja: “intencionada e sustentada” (p. 69). Foram observadas sete aulas de cada estagiário.

No dia 14 de outubro, ao finalizar as observações na escola, foi realizada uma entrevista, do tipo semiestruturada com os colaboradores, pois esse procedimento constitui-se em estratégia para o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade para obtenção de informações. Para a entrevista, elaborei um roteiro previamente, que está apresentado no Apêndice (NEGRINE, 2010). É caracterizada como entrevista semiestruturada quando, ao mesmo tempo em que o pesquisador definiu previamente questões concretas para a obtenção das informações, também é permitida a realização de explorações não previstas, oferecendo ao entrevistado liberdade para abordar alguma questão que lhe seja relevante (NEGRINE, 2010).

Para uma análise qualificada das informações utilizei ainda a análise de documentos, sendo estes os planos de ensino dos estagiários, a fim de identificar as

concepções e metodologias dos estagiários durante o processo de ensino-aprendizagem.

3.4 Validez interpretativa e cuidados éticos

As entrevistas foram transcritas com fidelidade, não alterando os vocábulos utilizados, para que fosse evitada a contaminação de informações (NEGRINE, 2010). Os nomes dos colaboradores e da escola foram substituídos por fictícios para que se preservasse a identidade dos participantes, bem como que se garantissem os aspectos éticos e morais da pesquisa. Atentando aos procedimentos éticos da pesquisa, os estagiários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde explicava os objetivos da pesquisa e os procedimentos que seriam utilizados.

Ao apresentar a validade, me debruço em Molina Neto (2010), o autor afirma que há três níveis de validade: descritiva, interpretativa e teórica. Para dar conta do primeiro nível descrito pelo autor, as entrevistas transcritas foram encaminhadas aos entrevistados para que estes pudessem manifestar se estavam de acordo e dando liberdade para correções que achassem relevantes. Assim, o que me levou a considerar válidas essas informações foram que todos os colaboradores confirmaram o teor de suas respostas.

Para que o segundo nível de validade se efetivasse, entreguei as análises a colegas do Grupo de Estudo no qual sou bolsista de pesquisa atualmente para que pudessem ser feitas as apreciações e comentários, de modo a discutir e aprofundar a plausibilidade e coerência das descrições e interpretações.

No último nível, as informações coletadas e analisadas foram validadas em um processo de triangulação dos dados. A triangulação segundo Molina (2010, p. 110) “impede a aceitação das impressões iniciais e, dessa forma, tanto a técnica da triangulação das fontes como técnica de coleta de informações, se processam simultaneamente uma vez iniciada a pesquisa”. Ou seja, a triangulação se deu pela articulação e junção, dos dados empíricos com os referências apresentados.

3.5 Processo de análise das informações

Para que pudesse dar conta de mais esta etapa do processo de construção de conhecimento, retomo o objetivo do estudo que é **compreender como se**

constrói as relações estagiários-estudantes durante o Estágio de Docência em Educação Física em uma escola de Ensino Fundamental da rede estadual de educação situada na cidade de Porto Alegre/RS.

Assim, de posse das entrevistas transcritas e validadas, foram construídas as unidades de significados, e a partir delas construídas as categorias de análise que descrevem os pontos principais elencado nas falas dos estagiários entrevistados. A partir das entrevistas, selecionei as falas que foram de maior significado para esta pesquisa. Após as falas, apontei as categorias que usaríamos para descrever o que mais chamou atenção e também por estar se repetindo em todas as entrevistas realizadas.

Nas próximas seções apresento as categorias e a análise do processo de pesquisa, para que pudesse buscar uma melhor compreensão partindo dos dados empíricos. As categorias identificadas, de acordo com os objetivos do estudo foram: as ações didático-metodológicas utilizadas pelo estagiário para construir o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física; as relações construídas entre estagiários e estudantes e a comunicação estabelecida entre os estagiários e estudantes durante as aulas de Educação Física.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

4.1 As Ações didático-metodológicas utilizadas pelo estagiário para construir o processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Educação Física

A categoria a seguir foi construída na busca por responder o problema de pesquisa, pois entendo, a partir dos referenciais teóricos utilizados, e dos materiais empíricos, que o modo como se processam as relações entre estagiários e estudantes nas aulas também acontece através da construção dos planos e da condução das aulas, na forma como os estagiários as ministram, como interagem e agem com os estudantes em certas situações.

Ao serem questionados sobre como desenvolvem suas aulas e a metodologia utilizada, os estagiários afirmaram que pautam sua prática pedagógica principalmente na abordagem construtivista, na qual a construção do conhecimento acontece em ambientes de interação social; o aprendizado da criança é construído por ela a partir da sua participação nas experiências oportunizadas; há valorização da construção do conhecimento de forma espontânea (GONÇALVES, 2005). É possível identificar alguns destes aspectos nas falas dos colaboradores.

“Eu utilizo da construtivista, né... da interação, dos alunos e professor [...]” (Entrevista com estagiário Ricardo).

“O que eu acho mais importante é o processo de construção deles durante todo o estágio, de ta criando e fazendo [...] seria mais a construtivista, seria todo o processo de construção, porque só o resultado não avalia nada, não prova nada, do que foi, acompanhar todo o processo de evolução é fundamental” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

“Usando minhas aulas do pré-conhecimento deles, eu percebo o que eles sabem fazer, o que eles precisam, e eu vou lá e aplico na aula. E também a desenvolvimentista, trabalho bastante a questão motora [...]” (Entrevista com a estagiária Roberta).

Foi possível identificar durante as observações os aspectos de interação do estagiário e estudante, que visava a partir da aproximação um melhor aprendizado do estudante. Inicialmente, os estagiários diagnosticaram a turma como um todo e os estudantes individualmente, procurando identificar o que sabem fazer, no que possuem dificuldades e quais são os interesses deles. E com o decorrer das aulas, eles adaptavam as atividades conforme a necessidade dos estudantes, aumentando as dificuldades, além de ouvirem as sugestões dos estudantes para seguir ou trocar a atividade. Através das observações pude identificar aspectos da abordagem construtivista e também da desenvolvimentista.

Como a perspectiva construtivista surge em oposição às correntes tecnicistas e mecanicistas, foi questionado aos estagiários qual a tendência da Educação Física que estavam priorizando. A pergunta gerou muitas dúvidas, assim ao apresentar o exemplo da tendência tecnicista, os estagiários afirmaram que não a priorizam, como podemos ver na seguinte fala:

“[...] Eu quero mais é que eles consigam fazer, não tecnicamente, [...] eu quero ver um progresso deles, se eles tão conseguindo fazer de um jeito melhor que tavam conseguindo fazer, e não o movimento perfeitamente correto, não cobrando isso” (Entrevista com a estagiária Roberta).

A partir dessa fala é possível identificar que os estagiários entendem que é mais importante perceber o progresso de cada estudante sem compará-lo aos demais e analisar a construção e entendimento do estudante sobre aquelas atividades, mais do que a técnica. Esta fala é coerente com o que foi observado durante o trabalho de campo, os estagiários questionavam os estudantes se haviam maneiras diferentes de realizar certo movimento, com a intencionalidade de os fazerem pensar sobre e criarem outra maneira de realizá-lo. Dessa forma, entendo que esta forma de agir quanto à realização de algumas atividades procura fazer com que os estudantes sintam qual é a melhor maneira de fazer o movimento, além de proporcionar mais autonomia a eles.

Outro aspecto identificado tanto nas observações quanto nas entrevistas, é a busca dos estagiários por estabelecer combinações prévias com as turmas, para o

decorrer das aulas, em várias aulas as combinações eram lembradas, e tais combinações também se encontram em seu plano de ensino.

*“[...] eu fiz as 5 regras com eles que eu uso sempre [...]”
(Entrevista do estagiário Ricardo).*

Gallahue e Donnelly (2008) citam que as regras e sanções formuladas em conjunto, tornam os estudantes mais seguros durante as aulas por saber qual é o padrão de comportamento esperado e contribuem para a autodisciplina dos estudantes. É importante ressaltar sempre essas regras durante as aulas, para a apropriação dessas normas, para garantir o seu cumprimento, podendo até fixá-las em local visível. Durante as observações foi possível identificar essa ênfase nas normas, principalmente no início do estágio.

“Ao final da aula, sentou-se com os alunos para novamente rever as combinações, e algumas atitudes que ele desaprovou durante a aula” (Trecho do diário de campo, 26 de agosto).

A partir deste trecho, pode-se perceber que os estagiários, davam o *feedback* ao final da aula (retorno ao estudante) em relação ao comportamento da turma. Em algumas aulas, a turma era parabenizada pelas suas atitudes, porém, na maioria das aulas, o *feedback* se voltava mais a críticas e cobranças para que houvesse uma melhora nas próximas aulas.

Pode-se pensar que ao estabelecer regras com a turma, o estagiário tenha tendência a agir com autoritarismo durante as aulas ou que já ao estabelecê-las seja visto como autoritarismo, assim, quando questionados sobre como agiam durante as aulas, se com autoridade ou autoritarismo, eles mostraram saber bem a diferença, como podemos ver na seguinte fala de Roberta, e todos declararam que agiam com autoridade:

*“Autoridade é falar firme com eles, mas não ser superior, digamos autoritária é mandar, é o que eu quero e ponto final”
(Entrevista com a estagiária Roberta).*

“Eu acho que eu tento ter autoridade com eles, mas também não sei até que ponto eu não entro com um pouco de autoritarismo sabe? Porque eu sou muito controladora, [...] às vezes eu acho que se eles não são do jeito que eu quero eu posso ter alguma atitude autoritária, mas não é isso que eu tento passar” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“Eu acho que autoritarismo não é o que eu visto [...] eu acho que me coloco como um professor com a autoridade da turma, então tem que ter o controle sobre a turma, se eu pregar é assim, assim e assim, e não desse a oportunidade deles modificarem a atividade, como eu do, eu acho que eu estaria agindo com autoritarismo [...]” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

“Eu acho que ajo com autoridade, porque eu não fico gritando, chamando, mandando neles [...] Eles tem que saber que eu sou autoridade ali, mas eu tenho que escutar eles também [...]” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

As falas dos colaboradores são coerentes com a prática de alguns estagiários. No caso da estagiária Rebeca, inicialmente devido as suas dificuldades e preocupações a cerca da aula a deixavam bem nervosa e apreensiva. Em suas aulas foi possível identificar alguns aspectos característicos do comportamento autoritário, pois ao invés de se apropriar da escuta sensível e de dar voz e vez aos seus estudantes, optava por direcionar as atividades que melhor lhe convinham. Assim, quando as regras estabelecidas por esta saiam do seu controle, acabava por se alterar e punir seus estudantes. Tal reação, também foi perceptível nas aulas da Roberta, onde acreditava que se os estudantes não estivessem do jeito que ela havia pensado e/ou achava correto, perderia o controle destes.

Em seu plano de ensino o estagiário Ricardo, pensou em criar um vínculo que não se baseasse na autoridade, mas sim no companheirismo aproximando professor e estudante, o que vai ao encontro da sua fala. Ele mantém sua postura firme, utilizando da sua voz forte para gerenciar a turma, tanto na hora das explicações das

atividades, quanto para chamar a atenção dos estudantes, além de também motivá-los. Adotou em algumas aulas uma combinação com a turma quanto à posição que eles iriam ficar durante a chamada especificamente, que, seria um ao lado do outro, lateralmente ombro a ombro. Essa posição pode parecer algo um pouco militarizado, porém, o estagiário justificou que os estudantes estando nesta posição de frente para ele, ajuda a ouvi-los melhor e vice-versa, além de visualizar todos durante a chamada e lembrar algum nome que ainda não memorizou.

Para Lhullier (1992, *apud* Carvalho, 1995) o autoritarismo constitui um sistema de valores, opiniões, atitudes e comportamentos. O elemento central é a atuação impositiva. O autoritário não só pensa de maneira autoritária, mas age no sentido de conformar o mundo à sua perspectiva, através da imposição da própria vontade à de todos. De acordo com o autor chama-se de autoritarismo os excessos na aplicação de autoridade. A partir das ideias de Paulo Freire, Ghiggi (2008, p. 59) ressalta que a autoridade é indispensável na “formação dos educandos, na perspectiva de fazer crescer e de ajudar o outro a se tornar autor da história”. Porém, a autoridade se confundida com autoritarismo pode “ser presença negativa, isto é, a presença que inibe a busca inquieta do educando, a que nega a possibilidade da curiosidade”.

Compreendo, a partir das observações, que os estagiários são movidos por determinados sentimentos e situações pessoais que influenciam no seu agir durante as aulas. Assim, os momentos em que esses sentimentos refletiam na aula, geravam tensões e conflitos, onde os estagiários acabavam por aderir ao autoritarismo. A partir deste aspecto, foi questionado aos estagiários se eles consideram que a rigidez ensina melhor, e surgiram diversas respostas:

“[...] Isso depende do dia, depende da turma, depende do professor, às vezes eu preciso ser mais rígida, se não vira bagunça sabe?[...]” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“Não diria rigidez, diria que tudo se dá em cima do respeito, da relação professor com o aluno, e do aluno-aluno [...] Eu não sou rígido, eu dou as minhas atividades, do jeito que eu acho que tem que ser, abro pra eles [...] dou a oportunidade de opinar, de darem a opção [...] Eu acho que tem que ter uma

relação onde todo mundo se sinta bem durante a aula pra aprender, mas rigidez, acho que talvez entre mais na parte do autoritarismo, como eu tava dizendo antes” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

As falas destes estagiários são coerentes com o que foi observado durante o trabalho de campo, pois não foi possível identificar nenhum momento em que fossem rígidos com os estudantes, de forma que não os deixassem opinar. Os estagiários procuravam ser pacientes e entender os conflitos que aconteciam durante a aula e resolvê-los conversando com os envolvidos e/ou com a turma toda. Novamente, surge a questão de dar a oportunidade aos estudantes para questionar e opinar, o que acontece devido a uma boa relação entre eles, quando o estagiário passa confiança aos estudantes para agirem dessa forma sem serem repreendidos.

Quanto às dificuldades na aprendizagem dos estudantes, Pinto e Vaz (2009) ressaltam a importância de se criar estratégias de inclusão dos estudantes que tem mais dificuldades, criando um ambiente onde os estudantes possam ser valorizados nas suas diferentes, para isso é importante (re)conhecer os estudantes.

“Eu tento ajudar eles bastante assim, às vezes eu acho até que eu dou mais atenção pra quem precisa mais, na verdade eu tento ser justa com todos [...]” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“Quando eu vejo que alguém tem alguma dificuldade eu procuro dar uma atenção maior ali pra aquele estudante [...]” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

“Os alunos que tem mais dificuldade, nas minhas aulas, são os mais quietos, porque os outros, não executam os movimentos da melhor maneira, mas tem noção de como fazer. [...] eu tento auxiliar eles, mostrar como é o movimento, a execução, e vejo como eles respondem, aos meus questionamentos né [...]” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Nas falas acima, podemos compreender que os estagiários se mostram atentos e preocupados em relação às dificuldades dos estudantes. Através das observações, foi possível ver que ao auxiliar os estudantes, os estagiários demonstravam o movimento quantas vezes se faziam necessário, e instigavam os estudantes a pensar em maneiras para solucionar os problemas e dificuldades. Compreendo que os questionamentos e resolução de problemas auxiliam o estudante a refletir sobre a sua prática.

Algumas questões da metodologia e os modos de agir com os estudantes em determinadas situações, são dependentes do contexto escolar, do momento de vida em que se encontra o estagiário, pessoais e formativos e das relações que vão sendo construídas durante o estágio, não conseguem ser planejadas antecipadamente. Assim, em relação ao planejamento, Luckesi (1993) destaca que ele é um modo de ordenar a ação tendo em vista fins desejados, tendo por base conhecimentos que deem suporte objetivo à ação. Nas falas do estagiário Ricardo pode-se identificar que ele tem um planejamento, porém não é estático, podendo ser modificado para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem; e que o estagiário acredita ser importante que as atividades estejam ligadas ao contexto dos estudantes:

“[...] eu construo a aula, e trago pra eles, ai eles ah acho que é legal, ai a gente continua fazendo, ah eu acho que não é legal, ai eu modifico para que a aula se torne agradável” [...].

“[...] eu dou as minhas atividades, do jeito que eu acho que tem que ser, abro pra eles, ah professor eu acho que a gente não quer fazer assim, a gente quer fazer assim ou assado, dou a oportunidade de opinar, de darem a opção” [...].

“[...] proporcionar pras crianças um aprendizado né.. que posso trazer algo de interessante pra eles, porque eu vejo que muitas vezes tu propõe algo que não ta no contexto deles ou que eles não entendem e isso eu acho que meio que eu to fazendo, [...] unir o contexto dele com o que eu tava propondo [...]” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

A preocupação do estagiário quanto desenvolver nas aulas, atividades que façam sentido aos estudantes, que façam parte do contexto vivido por eles, pode proporcionar o maior interesse dos estudantes e melhor participação nas atividades. O que foi identificado durante as observações quando o estagiário conseguiu mantê-los atentos e participativos durante a maioria das atividades.

Com o trabalho de campo, pude aprender que a construção dos planos podem se dar de duas formas, uma que não se modifica, que não tem chances de mudanças, e outra flexível, dinâmica e organizada, que se adapta às necessidades dos estudantes. Ou seja, os estagiários avaliam o que os estudantes precisam em determinado momento e até mesmo constroem o plano com eles, pois como ressalta Cavalheiro *et al.* (2009) planejamento não é algo pronto e sim, modifica-se conforme a realidade e a situação e necessidade da aula.

A diversidade de conteúdos, métodos de ensino e de avaliação devido as diferentes tendências pedagógicas, caracteriza a Educação Física escolar, assim, os estagiários ao construírem seu plano de ensino, dividiram seu trimestre em blocos:

“[...] to trabalhando com as habilidades motoras fundamentais, depois com esportes, e trabalhei inicialmente as capacidades, né, força, resistência, velocidade” [...] (Entrevista com o estagiário Ricardo).

A Educação Física é caracterizada pela diversidade de conteúdos, nesta fala identificamos vários conteúdos que foram pensados pelo estagiário numa ordem para progressão das atividades e para contribuir para o melhor aprendizado dos estudantes. O estagiário após o diagnóstico identificou as dificuldades da turma e de cada estudante e ao pensar nos seus conteúdos procurou contemplá-las. Compreende-se que é preciso aumentar o repertório corporal dos estudantes, pensar que na escola há estudantes com um horizonte mais amplo de técnicas corporais, mas para os que não possuem, é importante que o estagiário repense a sua prática, a fim de auxiliar na relação do estudante com o saber e a prática corporal (PINTO; VAZ, 2009).

Quanto à questão de como os estagiários se colocam diante das dúvidas dos estudantes, foi possível compreender que eles procuram responder e/ou solucionar da forma que consideram mais adequada no momento, como nas falas a seguir:

“Normalmente quando têm dúvidas, eu tento solucionar da melhor maneira possível [...]” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

“Quando eles têm alguma dúvida, tento responder essas dúvidas. Quando é uma coisa mais complexa eu respondo uma coisa bem rápida assim, mas depois eu fico pensando naquilo né?” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“Isso é algo que eu to tentando aprender, eu às vezes acho que não tenho muito esse feeling sabe? Tipo, eles chegarem e perguntarem e eu já responder ali na hora sabe?” (Entrevista com a estagiária Roberta).

Porém a partir da fala da estagiária Roberta, podemos entender que ela sente dificuldades para responder certas indagações e dúvidas dos estudantes, porque isso não está incluído no seu planejamento, não foi pensado e preparado, são fatos específicos que acontecem eventualmente sem aviso prévio e sem a possibilidade de preparação do estagiário para responder, mas entende que isso é algo que ainda vai aprender com a prática pedagógica. Essa falta de planejamento pode causar ao estagiário insegurança na realização da sua aula, e esse sentimento pode interferir no modo de agir com os estudantes. Ela se preocupa em como responder e se a resposta foi dada da melhor maneira possível, portanto, após responder, ela ainda fica refletindo sobre a sua resposta, se ela fez sentido, se estava de acordo, se realmente era aquilo que ela queria dizer e/ou como poderia ter respondido.

No sentido de não haver planejamento para todos os fatos que podem acontecer ou surgir durante a aula, e sentindo que isso se torna uma das preocupações dos estagiários, foi possível compreender que em geral, eles também se preocupam demasiadamente com o sucesso ou fracasso de suas intervenções pedagógicas. Pinto e Vaz (2009) nos ajudam a pensar sobre a visão dos estagiários

sobre sucesso, que se limita à dinâmica do cumprimento do plano de aula ou a constatação de que os estudantes gostaram da aula. Os autores em sua pesquisa, verificaram que os estagiários destacam razões para o fracasso e o sucesso das aulas de Educação Física. O fracasso se dá pela pouca participação ou a exclusão dos estudantes, o desinteresse ou a resistência às atividades propostas, o mau comportamento, as situações de violência.

Já o sucesso, é quando o estudante está na aula, respeita o professor e os colegas, participa e realiza as tarefas e em alguns casos, é observado o rendimento nas modalidades esportivas ou jogos, o sucesso sendo então vinculado à aptidão física e motora em comparação aos colegas. A estagiária Rebeca manifestou as suas dificuldades iniciais no estágio, que podem ser identificadas como o fracasso apresentado por Pinto e Vaz (2009).

“[...] tive muita dificuldade em como pensar, como agir, como proceder, porque eu tava completamente perdida, sem saber o que fazer, e também o plano não sabia como botar, como separar os jogos, os blocos”.

“[...] eu tenho grandes dificuldades com o planejamento das aulas, das atividades, também pelo fato da minha turma ser, muito heterogênea, claro todas são, mas a minha é muito, tendo 10 alunos de 9 anos, 10 de 12, ai 13, 14, 15 anos, então eu tenho a dificuldade de planejar aulas [...]”.

“eu tenho dificuldades com o planejamento das aulas, mas porque dessa diferença de faixa etária, de pensar em alguma coisa que eu consiga que todos participem” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Essa dificuldade pode estar associado ao que afirmam Cavalheiro *et al.* (2009) de que a principal dificuldade dos acadêmicos em situação de estágio seria relacionar os objetivos da aula com as atividades a serem propostas e desenvolvidas na própria aula. Já em relação ao problema de diferenças no nível de aprendizagem dos estudantes, podemos citar Krug *et al.* (2010) que vai ao encontro

do que fala a estagiária, que dizem que os professores de Educação Física têm enormes dificuldades de trabalhar com as diferenças individuais dos seus estudantes e que esse fato é originado de uma deficiente formação inicial. A estagiária possui dificuldades quanto ao pensar em atividades que sejam apropriadas para a faixa etária que compõe a sua turma, que sejam adequadas tanto para os estudantes de 9/10 anos, quanto para aqueles de 14/15 anos. Porém essa dificuldade é mais devido a sua preocupação com a participação dos estudantes nas atividades, o que podemos identificar a partir da fala:

“Ainda nem todos vão gostar, mas que participem e se envolvam nas atividades, esse é mais o meu objetivo assim, que todos se envolvam nas atividades, gostando ou não, bom, eu já falei, em todos vão gostar de tudo, mas que eles se envolvam” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Ela prioriza a participação dos estudantes, gostando ou não da atividade, sendo o importante o envolvimento dos estudantes nas atividades propostas, mas não deixando transparecer a importância para o aprendizado. Pinto e Vaz (2009), em sua pesquisa, mostraram menos frequente a preocupação dos estagiários com as dificuldades de aprendizagem de saberes específicos da Educação Física. A participação dos estudantes na realização das atividades propostas influencia no rumo que a aula tomará, não é somente a presença do estudante que vai contribuir para o seu aprendizado, ele precisa de certo engajamento no ato de aprender, e para aprender é preciso que esteja mobilizado a isso (PINTO; VAZ, 2009).

Outro elemento importante que influencia no decorrer das aulas e na relação do estagiário com os estudantes é a indisciplina. Compreendo que é difícil interpretar e administrar o ato indisciplinado, porém não se pode esperar que os estudantes tenham atitudes unificadas. São vivenciadas situações de apreensão, incerteza, insegurança e conflito no cotidiano da escola, que envolvem indisciplina, e elas contribuem para que os estagiários repensem suas práticas educativas (BRITO, 2007). Com isso, através das falas dos colaboradores, é possível identificar várias maneiras de agir em relação à indisciplina:

“Diante da indisciplina dos estudantes durante a aula eu normalmente procuro saber o que está acontecendo e porque aquilo [...] eu tento tratar da melhor maneira possível, mas de um jeito que eles entendam o porquê de eu estar fazendo isso. Não adianta ir ali xingar porque eu sei que daqui 10 minutinhos eles vão fazendo de novo, então eu tento entender e modificar aquela situação. Sempre tentando entender porque estão agindo daquela forma” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

“A indisciplina é uma coisa que tipo, eu paro, e me controlo, converso e do um jeito, mas eu gosto de disciplina, não aquela coisa militar assim né? [...] mas eu tenho que me controlar pra não ficar assim o tempo todo chamando atenção sabe? E exigindo que estejam em ordem e organizados” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Aquino (1996) destaca que, há muito tempo, as dificuldades disciplinares dos estudantes deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras, para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais. Pode-se relacionar um conjunto de fatores relacionados ao tema indisciplina, entre eles conflitos e desconfortos, e quando estes ocorrem comprometem o desempenho dos estagiários (BRITO, 2007). Desse modo, percebo que a indisciplina dos estudantes provoca diversos sentimentos nos estagiários, e faz com que eles reflitam sobre sua prática, como elucidada a estagiária Roberta:

“A indisciplina deles é algo assim quando tá demais me irrita sabe? Que é o que me faz voltar àquela questão lá do controle, quando eu não consigo ter o controle deles eu fico, eu me frustro, mas isso é algo que eu tô aprendendo [...] tenho que entender que eu não tenho o controle de tudo, principalmente com uma turma de 30 crianças”.

Essa falta de domínio que a colaboradora comenta, é algo que é citado por Silva e Krug (2007) que afirmam que os acadêmicos/estagiários em Educação Física vão tendo dificuldades na gestão de suas aulas à medida que a faixa etária dos estudantes diminui. Segundo Siedentop (1983, apud Silva; Krug, 2008), a atividade do professor é o objeto do desenvolvimento da competência pedagógica, portanto, com o exercício da docência é que ela se desenvolve.

O trabalho do professor, através de suas formas de interagir com os estudantes, suas estratégias para abordar os conteúdos, os tipos de atividades que propõe e os procedimentos de correção, exerce uma influência decisiva na construção da relação entre o sujeito e o conhecimento. As práticas pedagógicas constituintes a partir das relações professor-estudante auxiliam a construção de conhecimento, além de marcar afetivamente as relações dos sujeitos. Independente da orientação metodológica que o estagiário assuma, em toda situação de ensino planejada, o estagiário poderá assumir algumas decisões que, no seu desenvolvimento prático, poderão inevitavelmente resultar em consequências afetivas na relação que se estabelece entre ele, os estudantes e os conhecimentos.

4.2 As relações construídas entre os estagiários e estudantes

Esta categoria foi construída para responder o problema de pesquisa, pois entendo que as relações entre professor e estudantes são importantes para contribuir no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Segundo Kullo (2002), a sala de aula caracteriza-se como um pequeno mundo, onde a construção do conhecimento coletivo se dá através das ações e interações de professores e estudantes construídas no dia-a-dia da ação pedagógica.

A escola é uma instituição em que se perpetuam relações entre os diversos sujeitos que a compõem e nelas existem problemas referentes ao relacionamento interpessoal. É importante entender que neste ambiente podem surgir momentos de tensão, conflitos e que esses fatores facilitam ou bloqueiam os relacionamentos entre os sujeitos. Assim, ao questionar se as dificuldades de relacionamento interferem no processo de ensino-aprendizagem os estagiários acreditam que interferem sim, principalmente nos primeiros dias e/ou semanas com a turma.

Entendem também, que se a relação com os estudantes for ruim, o processo de ensino-aprendizagem se torna mais complicado:

“Eu acho que sim, porque se tu tem uma relação ruim com eles, as coisas não andam né?” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“Eu acredito que interferem sim, porque no início quando eu peguei eles, a minha turma, tinha uns alunos que tinham mais dificuldade de relacionamento e que eles desafiavam mais, então ficavam meio afastados da aula, ou ficavam meio escondidos, sem vontade de participar, e a medida que eu fui me relacionando bem, que eu fui entrando no contexto deles, fui propondo algumas situações onde eles se viam: ah eu estou sendo valorizado; eu acho que eles começaram a participar e isso torna a aprendizagem deles mais rica. Eu acho que isso tem total relação” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

A fala do colaborador Ricardo condiz com o que foi observado durante o trabalho de campo, pois ao longo do estágio o seu relacionamento com a turma foi melhorando através da criação de situações que os motivassem despertando a vontade em participar das aulas. Segundo Almeida e Souza (2010), a postura, gestos e movimentos do professor na sua relação com o estudante contribuem no processo de ensino. As mesmas autoras ainda ressaltam a importância de motivar os estudantes para despertar o seu desejo de aprender. Através das observações compreendo que na medida em que conhecemos os estudantes e sua vida cotidiana, e entendemos que cada sujeito tem as suas particularidades, é possível melhorar esse relacionamento entre os participantes do processo de ensino-aprendizagem através da motivação, aproximação do seu contexto de vida e atenção a suas necessidades de aprendizagens.

Assim, a relação entre professor e estudantes interfere no processo de ensino-aprendizagem, e é importante pensar que isso não se dá somente durante os momentos de aula propriamente dita, mas também nos momentos de chegada à escola, no recreio e na saída. Portanto, ao questionar os estagiários sobre

momentos de relacionamento extra-classe, percebemos o quanto eles interagem com os estudantes.

“Eu sou assim muito amigão, eu durante o recreio ou na chegada, eles chegam e aí sorri, eu cumprimento, eu abraço, eu converso, o que fez [...] eu procuro sempre escutar o meu aluno, conversar tranquilo, eu sou como se fosse um amigo, essa relação extra-classe eu tenho... mas eu também dou conselho, às vezes eu falo não faz assim, às vezes no recreio eu vejo, aí eu falo ai cara, o que tu tá fazendo, então eu sempre tento, procuro ser um amigo mas tento orientar também de certa forma” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

Identifiquei também nas observações de campo durante a aula do estagiário Ricardo aspectos afetivos, de aproximação física, de demonstração de carinho e interesse pelos estudantes, pelas suas realizações e pelas suas realidades.

“Quando achou necessário trouxe o estudante para perto dele e conversa com eles, demonstra interesse por eles. Pude identificar momentos em que transmitiu carinho aos estudantes, abraçando-os, ou passando a mão pela cabeça deles. Muitas vezes brincando com eles”. (Trecho do diário de campo, 4 de set)

Segundo Tassoni (2000), a proximidade física do professor com o aluno transmite segurança e tranquilidade aos alunos durante as atividades. Em seu estudo, os alunos apontaram a proximidade física como uma forma de ajuda, reconheceram que ao se aproximar, a professora dava sugestões, ideias que eram aproveitadas por eles. Essa proximidade também proporciona diálogos mais intensos e caracteriza uma forma de demonstração de atenção facilmente percebida pelos estudantes.

Com essa relação do estagiário Ricardo, a estagiária Rebeca identifica elementos que não acontecem efetivamente com ela, ou seja, que os outros estagiários estavam tendo uma relação com os estudantes com mais aproximação

física, com mais diálogo e atenção e assim eles retornavam com comportamentos mais afetivos, através de abraços, beijos, e que isso não estava se dando da mesma forma com a sua turma.

“No início, eu via os alunos das outras turmas mandando beijo e cartinhas pros professores, ai eu pensava pô nenhum aluno meu da uma cartinha, me da um beijo [...] agora todas as gurias vem me beijar, abraçar, os guris vem [...] e tchau sora, agora eles também tão assim mais sociáveis, porque eles são mais fechados assim pra abraçar e beijar, dar carinho [...] eles vieram mais carinhosos, abraçar, antes era umas 6 ou 7 gurias que vinham dar beijo, agora são todas, tinha umas que antes nem sabiam meu nome agora vem me dar beijo e me abraçar. Eu no recreio também chamo um, chamo outro, brinco, converso, [...] eu dou carinho, eu brinco, eu converso, eles falam ah eu fiquei com fulano, com ciclano, eu converso com eles sobre isso não adianta dizer não, e fechar a cara, por é a realidade entendeu? Eu converso com eles, então eu acho que a minha relação com eles é boa” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Assim, compreendi que no início do estágio, devido as suas dificuldades e preocupações com planejamento e andamento das aulas, a estagiária pouco desenvolveu essa interação com os estudantes, se aproximando e dialogando pouco, apenas para repreendê-los em alguma atitude de quebra das regras. Dificilmente os incentivava a participar das atividades e/ou motivava a continuar a participação.

“Ela parece muito nervosa, ansiosa, apreensiva, o que à deixa pouco a vontade para interagir mais com os alunos” (Trecho do diário de campo, 4 de set).

“Pouca motivação da parte dela, e não incentiva os alunos” (Trecho do diário de campo, 16 de set).

Porém, esse comportamento foi modificando ao longo do estágio, na medida em que as dificuldades e tensões diminuíram e ela percebeu que era importante interagir mais com os estudantes, incentivando-os, motivando-os, dialogando mais, e se mostrando feliz ao estar com eles naquele ambiente, como na fala a seguir:

“Eu me sinto muito bem assim com eles, conversando, brincando, e eu acho que eles também. [...] Agora eles também tão assim mais sociáveis [...] Uns que eram mais tímidos assim, agora vem e dizem tchau sora, até quinta, bem mais soltos assim” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Através dessa mudança no comportamento da estagiária, os estudantes também melhoraram a sua participação nas aulas, e interagem mais com ela, a procuravam para conversar e se despedir, como ela ressalta na sua fala. A forma como o professor age coopera para que o aluno se sinta mais receptivo e menos apreensivo, gerando um ambiente de equilíbrio, onde ambos se respeitam. No decorrer do estágio foi possível aprender que os estagiários foram ganhando mais confiança e desenvoltura. Sendo assim, a qualidade da mediação do professor pode gerar diversos tipos de sentimentos na relação dele com os estudantes (LEITE e TAGLIAFERRO, 2005).

Já a estagiária Roberta, inicialmente devido com a sua preocupação demasiada com a realização de todo o seu plano de aula e com alguns comportamentos de alguns estudantes, interagia pouco com a turma.

“Faltou mais animação por parte dela, que pareceu sempre muito preocupada com que tudo saíssem do jeito que ela achava que era o correto” (Trecho do diário de campo, 4 de set).

“Não houve muita interação, pois ela estava muito apreensiva durante a aula” (trecho do diário de campo, 23 de set).

Entretanto, isso aconteceu somente em algumas aulas, devido a esses sentimentos que envolviam a estagiária durante a aula, pois nas aulas em que ela

participava ativamente das atividades e brincadeiras, ela transparecia felicidade e animação, o que contagiava os estudantes, motivando-os a continuar a participar das atividades. E agora quando questionada como se dá a relação dela com os estudantes extra-classe, ela afirma:

“Eu acho que eles me amam (risos), porque toda vez eles chegam pra me dar beijinho, me dar um oi, eu tenho uma boa relação com eles, também fora das aulas [...]” (Entrevista com a estagiária Roberta).

É através das relações, contato e trocas de experiências e vivências, que se constroem vínculos importantes que contribuem para conhecer melhor os estudantes e sua vida, perceber e sentir suas emoções, alegrias e seus próprios problemas afetivos (ALMEIDA; SOUZA, 2010). É possível, através das falas, compreender que os estagiários procuram estabelecer uma relação baseada no diálogo e na amizade, mas também têm consciência da autoridade que exercem nessas interações e sabem da importância de dialogar sobre os assuntos que inquietam os estudantes, contribuindo para a conscientização dos seus atos.

Segundo Tassoni (2000), toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que é a partir das interações sociais que ela ocorre. Para Wallon (1995, *apud* OLIVEIRA, 2005), a afetividade é a capacidade do ser humano de ser afetado pelo mundo, que se localiza dentro e fora dele. A partir das falas dos estagiários, é possível identificar aspectos afetivos na relação dos estagiários com os estudantes, e a importância que dão a esses aspectos na melhora da relação deles com os estudantes.

A empatia³ seria a capacidade de se identificar com outra pessoa, e/ou ter afinidades com outras pessoas em um mesmo ambiente, Motta *et al.* (2006, p. 524), embasado em alguns autores, apresentam que a “empatia consiste em uma habilidade de comunicação intrinsecamente relacionada à formação de vínculos afetivos”. Assim, os estagiários foram questionados sobre o que entendiam sobre a empatia com os estudantes.

³ A partir do dicionário online (inFormal) empatia tem como sinônimo afinidade.

“[...] eu acho que tem aqueles estudantes que chegam mais em ti, vem te cumprimentar, que tu tem uma relação melhor, e tem aqueles que parecem que ah eu não to afim, não da uma relação muito boa [...] eu acho que a turma é um todo, só que acontece às vezes o estudante não vai com a cara do professor, o professor também... ah aquele estudante não gosta de fazer minhas aulas então eu tento dar uma atenção geral a turma [...]” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

“Realmente a gente acaba se apegando mais a alguns que a outros, assim, eu consigo me apaixonar por alguns que mais incomodam [...] então eu tenho as minha preferências, mas assim, todos que vem me beijar e abraçar eu trato igual, tem uns que assim, eu tenho que ser mais firme [...] eu acho que nem tudo ta perdido sabe? Eu acho que não são casos perdidos sabe? Se eu conseguir chamar atenção, trazer, buscar [...] já alcancei meus objetivos já muito sabe? Então eu sempre vou minhas preferências mesmo sabe, eles não sabem, eu abraço, beijo, e falo com todo mundo, se tiver que brigar eu brigo [...] Então eu acho que as minhas preferências não interferem assim, na aprendizagem deles, na minha relação com os outros” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

A empatia se torna importante no convívio social porque promove a compaixão e a tolerância (MOTTA *et al.* 2006). Percebe-se através das falas, que os estagiários estreitaram mais o vínculo com alguns estudantes, pois se colocaram na posição deles e foram capazes de compreender os seus sentimentos e pensamentos. Porém, esse vínculo também é construído a partir dos conflitos, tensões, questionamentos e conversas que ocorreram durante as aulas. Como é possível identificar na fala da estagiária Rebeca:

“Depois do conselho de classe deles, onde eu ouvi mais a realidade de muitos, me deu mais vontade ainda de tipo ser mais acolhedora, carinho com eles, mas tipo claro que cada um

vem de uma realidade diferente, não da pra só porque ele passou por isso colocar no colo e fazer carinho [...] por mais que seja séria, sou uma pessoa que sou muito afetiva com as crianças” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Assim, a estagiária reconhece a importância de se conhecer os estudantes e a sua realidade e entende que eles precisam de alguém que os compreenda, e que se mostre interessado neles. Desse modo, parece que ao sentirem esse interesse por parte do estagiário, os estudantes podem demonstrar maior interesse em aprender e participar das aulas.

Tanto as relações entre estagiários e estudantes quanto o ambiente em que se apresentam influenciam na aprendizagem. Neste sentido, ao questionar os estagiários sobre qual seria o ambiente que consideram propício para favorecer a aprendizagem, problematizaram a questão dos espaços físicos da escola e materiais a disposição para as aulas, mas surgiram fatores ligados ao clima pedagógico⁴ do ambiente, e acabaram por voltar a falar sobre a importância das relações dos estagiários com os estudantes para promover o maior interesse deles pelas atividades.

“Um ambiente saudável com boa estrutura [...] tendo os materiais necessários, uma quadra, é fundamental pra gente dar uma aula boa [...] Sem picuinhas, na minha turma eu não vejo um ambiente de brigas [...]” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“[...] Eu acho que eles se desenvolvem num lugar agradável pra eles [...] se a gente tem uma estrutura boa pra trabalhar, acho que isso fica mais fácil né, um ambiente físico eu acho que é determinante, só que também a questão do estudante se sentir com o professor muito bem é outra questão que talvez possa ser mais importante que o ambiente físico [...] um professor que te estimule muito a educação física, então a criança vem com

⁴ Clima pedagógico é um termo que formulei para explicar o clima que envolve a sala de aula e suas relações, podendo ser um clima tumultuado, conflitante, ou agradável, tranquilo, por exemplo.

muita vontade e faz ali [...] que tudo vai da motivação do professor com o estudante, das relações, de tu tratar o estudante bem e aí, bah vou fazer aula porque o professor é meu amigo, eu acho que isso até é muito mais importante” (Entrevista com a estagiária Ricardo).

“[...] acho que fora da sala é o lugar, tipo em quadra ou aqui embaixo, que dá pra ver que eles estão produzindo mais, aprendendo mais do que na sala que tem um controle maior. [...] Então deixando eles com autonomia, tipo, oh tem que correr, tem que fazer isso e no tempo deles eles fazerem eu acho que acaba sendo mais proveitoso aí. [...]” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Silva (2002) ressalta que não se consegue desenvolver qualquer tipo de aprendizagem em um ambiente hostil. Entendo que o desenvolvimento da aprendizagem flui com maior facilidade em ambientes onde o professor e estudantes procuram diariamente amenizar as tensões e conflitos e a partir das reflexões constroem um bom relacionamento.

Nesta perspectiva, de que o ambiente também influencia no processo de ensino-aprendizagem e nas interações entre estagiário e estudante, foi questionado aos estagiários quais seriam as características que facilitam essa interação e vários elementos surgem nas falas a seguir:

“A parceria, a amizade, não esquecendo que é professor, mas também sendo amiga deles, aquelas crianças. Tu consegue vê quando um tá triste ou não tá, que uma coisa aconteceu ali, tem que chegar e perguntar. Eu sempre pergunto se eles estão bem, quando eles faltam, depois eu pergunto como eles estavam, me preocupo com a vida fora” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“[...] Acho que o companheirismo e o respeito. Esses dois são os principais pilares pra ti ter uma relação professor-aluno,

porque a partir do momento que tu consegue construir né, uma educação baseada no respeito, e no bah professor posso contar contigo, assim como tu pode contar comigo, acho que isso fica bem mais fácil. Fica mais bem mais tranquilo trabalhar” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

“Eu como professora deles, como eu sou afetiva, gosto dessa proximidade com eles, tipo, eu sou uma pessoa amiga, confiável, então essas coisas fazem com que eles se aproximem mais de mim [...] Nosso papel de educador também é esse, de estabelecer essa relação de tipo, de confiar em mim, tipo as gurias, eu acho que elas tem confiança em mim, de vim conversar e falar, é de realmente uma relação de confiança, de estabelecer essa proximidade com eles. [...] Então o professor tem que dosar isso, ver qual é o perfil da turma e a forma mais adequada de estabelecer essa relação com a turma” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

Silva (2002) ressalta que o relacionamento entre professor e estudante deve ser de amizade, de solidariedade, de respeito mútuo, e a importância do professor demonstrar afeto e compreensão, principalmente nos momentos em que o estudante se mostre angustiado, porém, é importante ressaltar que há casos que é necessário mais que isso, se torna necessária a intervenção do professor, a partir de conversas, chamadas de atenção e questionamentos, para ajudar o estudante a resolver os seus conflitos. É possível identificar através das observações que o respeito foi um dos elementos mais significativos nas aulas. Os estagiários procuraram criar um clima de respeito entre eles e os estudantes, e os estudantes entre eles mesmos, como nos trechos do diário:

“Valorizou o respeito entre os colegas” (Trecho do diário de campo, 26 de ago).

“Ele sempre está relembrando a combinação do respeito com os colegas e professor” (trecho do diário de campo, 4 de set).

Os estagiários entendem que é importante que os estudantes percebam o seu interesse por ele e por suas aprendizagens, ouvindo-os e valorizando os conhecimentos e vivências trazidas por eles.

A partir do exposto, compreendo que as relações entre estagiários e estudantes se torna um meio importante para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Na medida em que o estagiário consegue criar vínculos com os estudantes, conhecendo melhor a sua forma de se relacionar e seu dia a dia, é possível que a participação e a motivação dos estudantes melhorem. Os estagiários ao conduzirem uma relação boa com os estudantes, a partir de conversas, questionamentos, tensões, solução de problemas, conselhos, poderão auxiliar na interação dele com a família e comunidade, na adaptação à escola e na formação pessoal deste estudante.

4.3 A comunicação estabelecida entre os estagiários e estudantes durante as aulas de Educação Física

Compreendo que a comunicação é um dos principais meios de conduzir o processo de ensino-aprendizagem e de estabelecer as relações entre estagiários e estudantes. Esta categoria propõem identificar quais são os estilos de comunicações e como estes contribuem para o ensino. Assim, a partir das falas, as estagiárias expressam certa concepção ou preocupação em relação à comunicação.

“Se tu não consegue se comunicar com eles tu não vai ter uma aula. Às vezes eu acho ainda bem difícil [...]” (Entrevista com a estagiária Roberta).

“A minha insegurança às vezes, tipo, quando eu to mais insegura, eu já mudo o jeito de falar, eu me atrapalho mais, e eu acho que isso me atrapalha muito, muito às vezes, quando eu pensei na aula tudo, mas não pensei em como explicar, como falar [...]” (Entrevista com a estagiária Rebeca).

É possível compreender, a partir das falas destas estagiárias, o peso/importância atribuído à comunicação para o sucesso das aulas. Os aspectos apontados pelas estagiárias também foram identificados nas observações de suas aulas, pois algumas vezes os estudantes não compreendiam as explicações dadas; e em função de longas explicações eles, por vezes, dispersavam; as atividades tomavam rumos diferentes ao proposto, pois estes não haviam compreendido as orientações. Essas informações vêm ao encontro das ideias de Freire (1987), que aponta a relação professor-estudante como um esquema horizontal de respeito e de intercomunicação, ressaltando o diálogo como componente relevante a uma aprendizagem significativa. Nesta mesma perspectiva, Cordeiro (2007, apud MOREIRA, 2010) ressalta que este diálogo é mais que uma conversação entre duas ou mais pessoas, e sim uma forma de expressar sentidos e significados.

Uma das estratégias utilizadas pelas estagiárias Roberta e Rebeca foi o silêncio e a expressão corporal para se comunicar com a turma.

“Ela ficou por volta de 5 minutos esperando, em silêncio, de braços cruzados, esperando que eles percebessem e parassem” (Trecho do diário de campo, 16 de set).

Dessa forma, a estagiária utilizou o silêncio e o cruzar dos braços para mostrar aos estudantes que estava querendo a atenção deles, pois como aponta Gadotti (1981) não nos comunicamos apenas através da fala, comunicamos-nos de diversas maneiras, através dos gestos, das expressões faciais, dos olhares, do corpo como um todo, pois a linguagem é apenas uma das vias de comunicação.

Gadotti (1981) aponta que não há necessidade de palavras nem de gestos para se estabelecer uma comunicação dialógica; basta a presença, onde o silêncio é comunicação. Todavia, é relevante que o professor capture a atenção e o interesse dos estudantes e saiba ouvi-los, pois, como o autor salienta, para haver um diálogo eficaz é preciso envolver a outra pessoa. Esse envolvimento, por vezes, não foi atingido pelas estagiárias, pois estas tiveram dificuldade de capturar a atenção dos estudantes. Ao mesmo tempo identifico uma possível falta de compreensão delas sobre os interesses e necessidades dos estudantes, focando apenas em cumprir seu planejamento e realizar seus objetivos. Nos trechos a seguir, apresento relatos da aula de Rebeca que ilustram brevemente o exposto:

“Rebeca espera o silêncio total da turma para explicar, perdendo assim muito tempo. Após alguns minutos, mesmo percebendo que a estratégia não estava funcionando continuava em silêncio aguardando que todos ficassem quietos. Depois de mais algum tempo abriu mão da estratégia do silêncio, mas perdeu a paciência, aumentando o tom de voz pedindo silêncio” (Trecho diário de campo, 23 setembro).

“Para explicar a atividade e iniciá-la apelou para os gritos, muitos gritos, e durante ela, para manter as regras da brincadeira também. [...] Os gritos durante a aula continuam” (Trecho do diário de campo, 4 de set, Rebeca).

Identifico, a partir desses trechos, uma dificuldade por parte da estagiária em lidar com situações em que não detém o manejo da turma, assim, lança mão da sua autoridade como docente para reprimir os estudantes (CORACINI, 2003). É possível que isso ocorra em função de, como sugere o Coracini (2003), acreditar em um modelo de “bom aluno” (grifo meu) e ao deparar-se com um aluno diferente deste modelo acaba silenciando-o pela “relação castradora do poder” (p. 157). Isto vai de encontro ao que sugere Gadotti (1981) sobre o diálogo, pois o autor considera que para haver diálogo é preciso haver reciprocidade. Se a estagiária considerasse os desejos ou necessidades dos estudantes, será que estes colaborariam com suas propostas?

A comunicação usada pelo estagiário Ricardo se deu de várias maneiras, uma delas, a comunicação oral, foi através da adaptação à maneira como os estudantes se comunicam.

“[...] eu tento trazer a mesma linguagem deles pra minha aula [...]” (Entrevista com o estagiário Ricardo).

Através da análise das informações, entendo que o estagiário compreende a importância da cultura do estudante, de onde ele vem, como ele se comunica e qual a linguagem que utiliza. A valorização do diálogo surge como um instrumento de

interação para os envolvimento no processo de ensino-aprendizagem, assim, compreendo que o estagiário ao valorizar a cultura e o diálogo próprio do estudante contribui para melhorar o relacionamento com o mesmo. Ricardo buscou manter durante suas aulas um diálogo aberto com os estudantes, colocando-se a disposição para aprender com eles. Assim construiu uma relação de confiança com a turma. Este posicionamento adotado pelo estagiário corrobora com a indicação de Gadotti (1991), que sugere que para por em prática o diálogo, o professor deve colocar-se na posição humilde de quem não sabe tudo.

A partir do exposto, entendendo que os estagiários se encontram em processo de formação e o estágio se apresenta como um dos caminhos de aprendizagem e construção dos estilos da ação pedagógica e de comunicação dos estagiários, compreendo que estes ainda estão construindo as formas de se comunicar com os estudantes de forma positiva, provocando a participação e possibilitando que eles se sintam à vontade durante as aulas. O estagiário ao permitir que os estudantes verbalizem, contribui com a construção do conhecimento, pois favorece o confronto de pontos de vista, de ideias. Para isso, é preciso sensibilidade, seriedade e capacidade de elaboração das situações vividas em aula, por parte dos estagiários, de modo a viabilizar relações que convidem os estudantes a produzir aprendizagens significativas.

5 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Tendo em vista os objetivos deste estudo, de compreender como se constroem as relações estagiários-estudantes durante o estágio de Educação Física, através das ações didático-metodológicas utilizadas pelos estagiários e a comunicação estabelecida entre os estagiários e estudantes, foi possível, por meio da análise das informações, entender que as decisões pedagógicas assumidas pelos estagiários e o modo como eles agem diante das dificuldades, dúvidas, indisciplina, marcam as relações com os estudantes, de maneira positiva ou negativa.

A análise das informações permitiu identificar que as ações didático-metodológicas mais marcantes para a compreensão das relações construídas foram: a) a escolha da abordagem em que se pautariam durante o estágio; b) o planejamento das aulas a partir da abordagem escolhida; c) os conteúdos abordados; d) o estabelecimento de combinações prévias com os estudantes; e) as estratégias para auxiliar os estudantes nas suas dificuldades e dúvidas e; f) o modo de agir quanto à indisciplina. Foi possível entender que a prática pedagógica assumida pelos estagiários expressada nessas ações influencia na participação dos estudantes nas aulas e na relação entre eles.

Durante o processo de escrita desse estudo pude compreender que a construção das relações dos estagiários e estudantes da escola pesquisada depende de muitos elementos, como a escolha das atividades, as estratégias para abordar os conteúdos, os procedimentos de correção e orientação, o modo como se comunicam com os estudantes, dentre outros. Pude entender que as relações construídas entre os estagiários e estudantes influenciam o percurso das aulas, a participação dos estudantes, sendo assim, importantes para o processo de ensino-aprendizagem.

Pude aprender que as relações entre estagiários e estudantes são fundamentais para facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Ao criar e fortalecer vínculos com os estudantes, o estagiário poderá conhecer melhor como se relacionar, aprendendo as necessidades e expectativas dos estudantes, é possível que a participação e a motivação dos estudantes melhorem. Ainda, ao estabelecer uma relação boa com os estudantes, poderão auxiliar na adaptação à escola e na formação pessoal deste estudante.

A partir disso, entendo que é importante o professor ouvir, discutir e refletir com o estudante sobre os elementos que influenciam na aprendizagem, pois o processo educativo é interativo e através das relações estabelecidas é que o sujeito se aproxima do conhecimento. Compreendo que o estágio se caracteriza como um dos momentos de aprendizagem na formação dos acadêmicos e proporciona ao estagiário construir e reconstruir a sua identidade docente e esta construção está em constante transformação e movimento. Ao dar voz e vez aos estudantes, os estagiários possibilitam elementos que contribuem com a construção do conhecimento, pois favorece o confronto de pontos de vista e de ideias.

Aprendi que os estagiários se encontram em processo de formação e o estágio se apresenta como um dos percursos formativos. Os estagiários constroem durante o percurso do estágio formas de se comunicar com os estudantes de modo positivo, provocando a participação e possibilitando que eles se sintam à vontade durante as aulas.

Com esse período onde estive imersa no campo, pude aprender que as relações construídas com os estudantes fazem parte do processo de ensino-aprendizagem e que elas são essenciais para um bom andamento das aulas de Educação Física. Compreendi que olhar de fora os fatos que ocorrem na escola, como pesquisadora e não como estagiária é um grande desafio e um importante aprendizado para a minha formação, pois consegui entender que as relações entre os sujeitos são construídas de formas diferentes sendo influenciadas pelo contexto escolar, o grupo (composto pelos estudantes e professores) e os momentos de vida pessoal e formativa desse grupo, assim, entendo que essas relações influenciarão a minha prática futuramente.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria C.; MASETTO, Marcos T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ALMEIDA, Márcia Nobres de; SOUZA, Cósmea Alves da Silva. **Relações interpessoais no ambiente escolar**. Tocantinópolis, 2010. Disponível em <<http://moodle3.mec.gov.br/uft/mod/data/view.php?d=850&advanced=0&paging=&page=5>> Acesso em 20 out de 2014.

AQUINO, Julio Gropa. **A relação professor-estudante: do pedagógico ao institucional**. São Paulo: Summus, 1996.

AZOLINI, Lucas Carneiro. **O Estágio Supervisionado na Formação do Professor de Educação Física: Um Estudo Autorreferente de um Estudante Da ESEF da UFRGS, no ano de 2012**. Trabalho de Conclusão de Curso- UFRGS, Porto Alegre, 2012.

BASMAGE, Denise; PIATTI, Célia; URT, Sônia. Linguagem e Imagem do Homem Pantaneiro nas Obras Literárias. In: Morettini, Marly T.; Urt, Sônia da Cunha. (Org.). **Cancioneiro do Pantanal**. 1ed. Campo Grande: Life, 2010.

BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. **Relação Professor/Aluno. Revista eletrônica saberes da educação**. V. 1. N. 1, 2010.

BORSSOI, Berenice Lurdes. **O estágio na formação docente: da teoria a prática, ação-reflexão**. 1º simpósio nacional de educação. Cascavel, Unioeste, 2008.

BRACHT, Valter. GONZÁLEZ, Fernando. Jaime. Educação física escolar. In: GONZÁLEZ, F. J.; FERNSTERSEFER, P. E. (Orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física. Revista Cedes**. Campinas, v. 19, n.48, agosto, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621999000100005&lng=pt>. Acesso em 26 Ago, 2014.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em 18 set. 2014.

BRASIL. **Lei Nº 11.788/2008**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11788.htm>. Acesso em: 23 set. 2014.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996.

BRITO, Clovis da Silva. **A indisciplina na educação física escolar**. Dissertação de Mestrado-curso de Educação Física, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2007.

CARVALHO, Maria Aparecida Vivian de. **Relação professor-estudante: fatores intervinientes tendo em vista a aprendizagem**. Semina: Ci. Soc./Hum. Londrina, v.16., edição especial, p. 57-65, out. 1995

CASTELLANI FILHO, Lino. Os impactos da reforma educacional do governo FHC na educação física brasileira. In: **Política educacional e educação física**. 2ª Ed. Campinas: coleção polêmicas do nosso tempo. 2002.

CAVALHEIRO, L. *et al.* **Formação inicial: a opinião dos acadêmicos sobre alguns elementos da prática pedagógica vivenciados na disciplina de estágio curricular supervisionado**. Boletim brasileiro de educação física, Brasília, nº73, p. 1-8, fev./mar., 2009.

CORACINI, M. J. Língua estrangeira e língua materna: Uma questão de sujeito e identidade. In: CORACINI, M. J. (Org.). **Identidade e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora da Universidade, 2003.

CORDEIRO, J. A relação pedagógica. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura acadêmica, v. 9, p. 66-79, 2011.

CUNHA, Fabiana Trindade. **Relações interpessoais: bullying na escola**. 2011. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2011.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. 18. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Editora Paz e Terra. 17. Edição. Rio de Janeiro, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, Coleção leitura, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Comunicação Docente: ensaio de caracterização da relação educadora**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo. Scipione, 1991.

GALLAHUE, David L.; DONNELLY, Frances Cleland. **Educação física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.

GALVÃO, Zenaide. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**. São Paulo, Ano I, Número I, p. 65-72, 2002.

GHIGGI, Gomercindo. Autoridade. In: REDIN, Euclides; STRECK, Danilo R. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

GODOY, Arilda Schimidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista da Administração de Empresas**. São Paulo, 1995.

GONÇALVES, Vivianne Oliveira. Concepções e Tendências Pedagógicas da Educação Física: Contribuições e Limites. **Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia**. UFG. Jataí. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/20396>>. Acesso em 27 out. 2014.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da efi escolar I. **Cadernos de formação RBCE**, p. 9-24, set. 2009.

HILLAL, Josephina. **Relação professor-aluno**: formação do homem consciente. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

KRUG, Hugo Norberto. *et al.* **Os dilemas da docência de professores iniciantes de Educação Física Escolar**, 2010. Relatório de Pesquisa (Artigo Não Divulgado) – Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

KULLOK, Maísa Gomes Brandão. Relação professor-aluno no contexto ensino-aprendizagem as exigências na atualidade. In: KULLOK, Maísa Gomes Brandão (org), **Relação Professor-aluno**: contribuições à prática pedagógica. Maceió: EDUFAL, 2002.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível. **Psicologia escolar e educacional**, 2005. V. 9 n. 2, p. 247-260.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Planejamento em geral e planejamento de ensino. **Revista da FAEBA**, n.2, p. 147-152, 1993.

MARCELO GARCÍA, Carlos. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999.

MARQUES, Marta Nascimento; ILHA, Franciele Roos da Silva; KRUG, Hugo Norberto. O acadêmico da licenciatura em educação física do CEFD/UFMS em situação de estágio e sua interação com o ambiente escolar. **14ª Jornada Nacional da Educação**, 2008.

MASETTO, Marcos. **Didática**: a aula como centro. 3º Ed. São Paulo: FTD, 1996.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em 18 out 2014.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO,

Vicente, TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. (Orgs). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **A pesquisa qualitativa em Educação Física**: alternativas metodológicas. 2º ed. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010, p 101 – 112.

MOREIRA, Natalia. **A relação professor-aluno no filme ‘Escritores da Liberdade’**: o papel do diálogo na construção do conhecimento. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

MOTTA, Danielle da Cunha et al. Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 11, n.3, p. 523-532, set/dez. 2006.

NASCIMENTO, Janaina Vargas; RAMOS, Tatiane Tavares; AROEIRA, Kalline Pereira. A Formação do Professor: Contribuição do Processo de Estágio Supervisionado em Educação Física. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 17, Porto Alegre, 2011.

NEGRINE, Ayrton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente, TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. (orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

OLIVEIRA, Amauri Bássoli de. Metodologias Emergentes no ensino da Educação Física. **Revista Da Educação Física**, UEM, 1997.

OLIVEIRA, Andréa Lúcia; AGUIAR, Camila Silva de; PETRONI, Renata Gomes Gerais; SILVA, Thaís Felix. A Importância do Estágio Supervisionado na Formação Inicial em Educação Física. *Revista Especial de Educação Física – Edição Digital n°2 – 2005. Anais do IV Simpósio de estratégias de Ensino em Educação/Educação Física Escolar – 7 a 9 de dezembro – 2004.*

OLIVEIRA, Kelly Greice de. **Afetividade e prática pedagógica**: uma proposta desenvolvida em um curso de formação de professores de educação física. 2005. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PELOZO, R.C.B. Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado enquanto espaço de mediação entre ensino, pesquisa e extensão. **Revista Pedagógica**, n.10, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido, LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PINTO, Fábio Machado; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a relação entre saberes e Práticas Corporais: notas para a investigação empírica do fracasso em aulas de educação física. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 34, p. 261-275, 2009.

SILVA, Marcio Salles da; KRUG, Hugo Norberto. A opinião discente sobre o estágio curricular supervisionado em educação física na UFSM. In: KRUG, Hugo Norberto. (Org.). **Dizeres e fazeres sobre formação de professores de educação física**. 1. Ed. Santa Maria: [s.n.], 2007.

SILVA, Marcio Salles; KRUG, Hugo Norberto. A opinião discente sobre o estágio curricular supervisionado em educação física na UFSM. **Revista Digital – Buenos Aires**, nº 119, abril de 2008. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd119/estagio-curricular-supervisionado-em-educacao-fisica.htm> > acessado em 18 set. 2014.

SILVA, Roza Maria Santos. A importância da afetividade na relação professor-aluno. In: KULLOK, Maísa Gomes Brandão (org), **Relação Professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: EDUFAL, 2002.

SILVA, Ormenzina Garcia; NAVARRO, Elaine Cristina. A relação professor-estudante no processo ensino-aprendizagem. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar**. N. 8 V. 3, p. 95-100, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. **Rev. Paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl.2, p.6-12, 1996.

SOUZA, Jânua Coely Andrade; BONELA, Luciane Aparecida; PAULA, Alexandre Henriques de. A importância do estágio supervisionado na formação do profissional de educação física: uma visão docente e discente. **MOVIMENTUM**, Revista Digital de Educação Física. Ipitinga: Unileste-MG. V.2, n. 2. Ago.dez 2007.

SOUZA, M. P. R. de; VIÉGAS, L. de S. As relações entre professores e alunos em sala de aula: algo mudou, muito permaneceu... In: LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. (Orgs.). **Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 379-394.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-estudante. **23º Reunião anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**. Caxambú/MG, 2000. Disponível em: < <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.PDF> > Acesso em: 06 set. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. Editora Atlas S.A. São Paulo, 1987.

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) As dificuldades de relacionamento com os estudantes interferem nos resultados do processo de ensino-aprendizagem?
- 2) Analisando suas ações, você age com autoridade ou autoritarismo?
- 3) Citar sua reação perante as dúvidas dos estudantes e a indisciplina em sala de aula.
- 4) Como você caracteriza o papel do professor?
- 5) Como você descreve suas relações extra-classe com os estudantes?
- 6) Como você reage em relação aos estudantes que tem maior dificuldade na aprendizagem?
- 7) O que você pensa sobre a empatia?
- 8) Você considera que com mais rigidez consegue ensinar melhor?
- 9) Como você desenvolve suas aulas, que metodologia utiliza?
- 10) Qual a tendência da Educação Física que você está priorizando em seu trabalho?
- 11) Para você, qual é o ambiente propício que favorece a aprendizagem?
- 12) Que características facilitam a interação entre professor e estudante?
- 13) Cite algumas situações no processo ensino-aprendizagem, as quais criam obstáculos na comunicação entre professor e estudantes.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos você a participar do projeto intitulado: “A construção das relações estagiários-estudantes no Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental da UFRGS”, em uma escola estadual de Porto Alegre/RS, que tem como objetivo principal: compreender como são construídas as relações dos estagiários e estudantes durante o Estágio de Docência em Educação Física do Ensino Fundamental da ESEF-UFRGS.

Procedimentos

Durante a realização do trabalho de campo, as informações para este estudo serão coletadas através de observações, registros em diário de campo, entrevistas e análise de documentos. As entrevistas serão previamente agendadas e realizadas em seu local de estágio no horário de funcionamento da escola e de realizações de atividades docentes. Estas serão gravadas, transcritas e devolvidas para sua confirmação e, se necessário, correção de informações. Os registros serão de forma descritiva, não havendo registro que emita juízo de valor. A análise de documentos se dará a partir dos planos de ensino, que podem ser utilizados eventualmente.

O relatório final deste estudo também lhe será devolvido para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas.

Confidencialidade

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial. Em nenhum momento será divulgado o seu nome. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória.

Voluntariedade

Sua participação é voluntária. A qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar, retirando seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Orientador

Elisandro Schutz Wittizorecki
elisandro.wittizorecki@ufrgs.br

Orientanda

Jayne Luisa Engeroff
jengeroff@hotmail.com

Porto Alegre, _____ de _____ de 2014.

Eu, _____, aceito participar deste estudo e declaro que fui informado de forma clara e detalhada acerca dos processos de aplicação e dos objetivos, podendo retirar meu consentimento a qualquer momento sem nenhum prejuízo a minha pessoa.

Assinatura do participante